A GRAVATA

CONTOS

APARECIDO GALINDO

Aparecido
GALINDO

A GRAVATA

CONTOS

APARECIDO GALINDO

A GRAVATA

CONTOS

Preparação, Capa, Diagramação e Revisão: Aparecido Galindo

Av. Dona Ida Cerati Magrini 572, Jardim Padre Anchieta – Diadema – São Paulo – CEP: 09951-260

aparecidogalindo@gmail.com

@aparecidogalindoescritor

ISBN:978-65-00-57291-9

1ª Edição – novembro de 2022

©APARECIDO JOSÉ GALINDO – São Paulo – Brasil – 2022

"Desvario laborioso e empobrecedor é o de compor vastos livros; o de espraiar em quinhentas páginas uma ideia cuja perfeita exposição oral cabe em poucos minutos."

(J.L. Borges – Ficções)

SUMÁRIO

O ALMOCREVE 8

O CALDEIRÃO DE BALBINA 20

A GRAVATA 31

SOBRE O AUTOR 39

O ALMOCREVE

Já existiam trens, caminhões e as estradas asfaltadas pintavam com o seu cinza triste a paisagem sertaneja. Mas, ele negava-se a parar e continuava tocando a sua tropa de sete mulas pelas veredas abertas séculos atrás e que ligavam Pernambuco à Paraíba.

— Só paro quando estiver morto!

Cada uma de suas mulas carregava um bem precioso e de primeira necessidade nas caatingas: era o fubá de milho, a carne seca, o feijão, o querosene etc.

O *Almocreve* ostentava com orgulho os lábios rachados pelo sol e as *xô-boi* gastas indo de uma cidade a outra que ele mesmo tinha conhecido quando ainda eram pacatas vilas. As avenidas deixaram de ser de *terra batida*, enquanto o centro destes lugares estavam cheios de carros e os *trapiás* onde

se amarravam os animais de carga tinham acabado no forno de pizzarias.

— Enquanto tiver carga para levar, eu continuo.

Não havia cargas, saia infinitamente mais barato e rápido enviar os mantimentos pelas estradas em potentes caminhões. Por fim, chegou à aposentadoria como agricultor, o que a família interpretou como uma honrosa retirada do cargo de único almocreve vivo da região. Ledo engano. O Almocreve manteve-se firme em sua missão e como uma dor de cabeça para os motoristas todas as vezes em que interditava uma rodovia com as suas mulas. Ele era mesmo imparável! — Quem sabe a morte? — Diziam alguns com a esperança que ao menos, esta, obrigasse o Almocreve a se retirar.

Em vida, realizou a sua última viagem no lombo de uma mula quando estas já eram usadas única e exclusivamente para *cavalgadas* entre citadinos. Um amigo seu,

narrou aquela experiência como uma volta ao passado distante e intocado de nossas memórias mais remotas e *quizás*, assustadoras. O Almocreve era tão fiel a tradição que mesmo seu companheiro tendo em posse um isqueiro e caixas de fósforos ele não renunciou ao seu *papa-fogo.*

— Essa juventude quer tudo nas mãos.

Disse, antes de mascar folhas de catingueira e fazer *café de pedra* em um *bode*. Era o tipo de homem que faria a alegria de folcloristas, antropólogos e etnólogos. Ah se um Câmara Cascudo o tivesse encontrado! Imagina ele sendo devorado de cima para baixo por um Rabello, um Suassuna? Uma sopa de almocreve sendo servida em um simpósio de Cultura Popular Brasileira? O Almocreve só perdia a compostura quando era chamado de *mascate*. Tudo, menos isto! Era o maior insulto que alguém podia lhe desferir.

— Eu sou almocreve!

Para defender-se de tamanha ofensa ele dizia que o insultador só poderia ser um ignorante. De outra forma, quem poderia confundir um bem-sucedido tropeiro e negociante com um regateador? Acaso ele vendia garrafadas, emplastros e purgantes? Lenços de seda falsificada e ceroulas?

Depois de morto, onde foi o Almocreve? O céu não era um lugar apropriado para ele, além de muito parado, andava cheio de invenções que corrompiam os bons costumes. O inferno também não o cabia, porque lá existiam os mesmos vícios do paraíso. O Almocreve, santo como era, usando desta prerrogativa escolheu continuar tangendo as suas mulas. Agora em tempo integral, sem mulher e filhos para arrancar-lhe do doce sonho das estradas. Ainda sente o vento bater no rosto, o sol queimar a pele, a sede e a fome. Ele pediu que fosse assim! Canta suas toadas em plena luz do dia ou à noite. Às vezes uma mula acerta com o caminho errado

e lá vai o Almocreve buscá-la entre as moitas de jurema preta. Sua felicidade é quando os espinhos entram em suas carnes e o sangue volta a jorrar. Ele sabe que já está morto e coisa e tal. No entanto, toda esta dor lhe traz o prazer da vida!

Para ouvir ou vê-lo, basta entrar na caatinga e permanecer caminhando por três dias e três noites, sem água ou comida. Os psicanalistas podem até falar que as experiências oriundas de um lastimável estado físico como esse não passam de alucinações, no entanto, também é difícil acreditar em pessoas que dedicam as suas vidas a ouvir o que os outros não querem dizer sob a condição de serem pagas para isso. Mas para ver o Almocreve cruzar a *Serra do Ororubá* é imprescindível despojar-se de prazeres mundanos como a nutrição e a hidratação. As melhores visões são alcançadas nos períodos de estiagem que podem ir do dia primeiro de janeiro ao trinta

e um de dezembro. Pacotes de viagem para vivenciar esta experiência única em breve estarão disponíveis e terão como cortesia um plano funerário totalmente grátis!

Glossário

Almocreve.1: Os almocreves eram pessoas que conduziam animais de carga e/ou mercadorias de uma terra para outra em Portugal, durante a Idade Média e até tempos bem recentes - meados do século XX. No Brasil, o famoso cangaceiro Lampião foi almocreve, chegando mesmo a cambitar para o município afastado de Delmiro Gouveia em Alagoas. 2: Pai de família cristão que inventava viagens sem nenhum sentido, provavelmente para visitar a amante em terras longínquas.

Xô-Boi. 1: Alpargatas feitas de couro cru e que mantinham durante meses o cheiro do boi ou da vaca no pé do usuário. 2: Nos períodos

chuvosos o calçado dobrava de tamanho devido a péssima qualidade do couro utilizado e os pés eram furados pelos pregos enferrujados com os quais o pneu era fixado nas solas.

Terra batida. 1: Técnica utilizada na zona-rural para tornar o solo mais compacto e evitar o desprendimento de partículas e a formação de poças de lama. 2: Solo modificado pela ação humana onde durante as épocas de chuva formavam-se atoleiros que tragavam os veículos motorizados, sendo evitados por animais de carga, por saberem que o local não oferecia nenhum tipo de tração.

Trapiá. 1: Espécie arbórea que era plantada nos centros das vilas pernambucanas com função paisagística. Devido a seus frutos todas as noites esses lugares eram infestados por morcegos e suas eventuais doenças tropicais. 2: Na falta de jurubeba, os frutos dos trapiás eram utilizados em

brincadeiras infantis como munições. Obs.: a utilização desses frutos podia causar lesões oculares graves entre os participantes, mas segundo o antigo brincante Mané Caolho, não havia perigo nenhum.

Cavalgada. 1: Atividade surgida durante a ocupação do território brasileiro entre os séculos XVII e XVIII que consistia em remanejar o gado bovino entre uma área de pastagem e outra. 2: Hábito de cidadãos que em sua maioria nunca viveu no campo e que se reúnem para tomar bebida alcoólica em grupo e fugir do tédio dominical enquanto afirmam defender uma cultura da qual nunca pertenceram e que nem chegaram a conhecer.

Quizás. 1: Expressão do Castelhano que traduzida literalmente significa “talvez”. 2: Quem narrou a última viagem do Almocreve não era digno de nenhum crédito, mas por ser

a única fonte existente, foi aceito como verídico tudo o que relatou na ocasião.

Papa fogo. 1: Objeto feito de chifre de vaca, boi ou afins, *Pedra fixe* e chumaço de algodão. No caso do Almocreve, o algodão tinha que ser do *Seridó*.

Pedra fixe. 1: Também conhecida como sílex. 2: Vila de Venturosa/PE, famosa por ter uma curandeira que usava samambaias para curar do câncer ao mau-olhado.

Algodão Seridó.: Espécie nativa do gênero Gossypium, família Malvaceae.

Ribeira do Seridó. 1: Região potiguar que faz parte da bacia hidrográfica do rio de mesmo nome. 2: Local propício para a produção de mão de obra barata, assim como os outros 99% do território nacional.

Seridó: 1. Segundo Câmara Cascudo o termo é oriundo dos Tapuias: "ceri-toh" e que quer dizer "pouca folhagem e pouca sombra". Para

outros pesquisadores o termo é oriundo da palavra hebraica "sarid" e "serid" que significaria "sobrevivente" ou "o que escapou" uma vez que seus primeiros colonizadores foram *os Cristãos Novos*. 2: Para os nativos desta região nenhuma das explicações faz o menor sentido.

Cristãos novos. 1: Cristão-novo ou Converso era a designação dada em Portugal aos judeus convertidos ao cristianismo e seus descendentes, em contraposição aos cristãos-velhos (genuínos). A expressão foi difundida após a conversão forçada de judeus feita em 1497 pelo rei de Portugal, anos antes da instauração do Tribunal da Inquisição. 2. Homens brasileiros em sua maioria héteros e brancos que misturam cristianismo com todas as religiões mundiais com o objetivo de ganhar muito dinheiro, casar-se com uma loira de pelos pubianos negros e ir para o céu.

Café de pedra. 1: Esquentava-se uma pedra até ela alcançar a máxima temperatura possível e depois a colocava dentro de um recipiente com água e um pó que lembrava o sabor do café. Na falta deste fac-símile o Almocreve moía folhas de *Mororó* que não lembrava em nada o gosto do primeiro, mas que servia para diabetes, doença que ele não possuía. 2: A pior bebida já ingerida pelo escritor deste conto.

Mororó. 1: A pata-de-vaca (Bauhinia forficata) é uma árvore da Mata Atlântica e de outros biomas. 2: "pata de vaca" Apelido utilizado para se referir ao clítoris no caso dele possuir um tamanho exagerado.

Bode. 1: Vasilha de alumínio ou flande dotado de alça de arame para esquentar água. 2: Animal que foi eleito vereador em Fortaleza/CE em 1922, com o nome de Ioiô. 3: Estado de espírito que invoca revolta ou mau-humor. Expressões: Deu o bode, com o

bode amarrado etc. 4: Demônio evocado nas residências onde a religião não permite falar a palavra Satanás.

Mascate. 1: Foi o nome dado no Brasil aos mercadores ambulantes e vendedores de "porta a porta", também chamados de “turcos da prestação”. 2: Profissão atual de bispos neopentecostais que insistem em denegrir a imagem das tão ilustres e importantes figuras descritas anteriormente.

Serra do Ororubá. 1: Também conhecida como “Serra da Vila” é a terra tradicional da etnia Xukuru. 2: Conjunto de montanhas, ao sopé das quais está situada a sede do município de Pesqueira, que já foi um importante centro industrial e comercial da região, mas que de tanto perseguir seus povos originários e admirar as chaminés de suas fábricas de doce falidas, hoje é uma parada de ônibus entre as cidades de Caruaru e Arcoverde.

O CALDEIRÃO DE BALBINA

Daydson saiu de casa mais cedo porque tinha muito o que fazer no trabalho. Era daqueles que não se atrasavam nem mesmo por motivos superiores. Todos os dias ele fazia o seu caminho para o emprego exatamente às seis e trinta e cinco da manhã. A distância entre a sua casa e a escola onde lecionava era exatamente oitocentos metros, ou mil cento e quarenta e três passos. Mas como teria que conversar com a diretora antes das aulas, mudou toda a sua rotina para chegar ao trabalho com dez minutos de antecedência.

Ele começou a fazer aquele percurso bem antes de ser aprovado com louvores no concurso público de sua terra natal. Que sorte a de Daydson, ser professor na mesma escola em que cursou da quinta série até o terceiro ano do ensino médio. Mas a sua felicidade não parava por aí, além de trabalhar onde estudou, ele morava na mesma

casa em que nasceu e foi criado! E como se não bastasse toda essa alegria e realização, Deus também o abençoou no casamento, pois veio a contrair núpcias exatamente com a adolescente que lhe deu o primeiro beijo na porta de sua querida escola.

O que poderia ser mais sublime do que a vida de Daydson e suas duas décadas de serviço prestado à educação? Nós que vivemos por aí, de emprego em emprego, de cidade em cidade, de paixão em paixão nunca poderemos saber. Ah! Este sentimento de completude e estado permanente de gozo, apenas seres como Daydson podem alcançar. E uma vez que se vislumbra a perene felicidade ainda em vida é até justo não querer arredar nem um milímetro sequer de tal achado. E Daydson, abençoado que foi com uma inteligência rara, passou os seus últimos vinte anos atuando como professor de História.

— Mas não é como aquela história que se ensinava no século passado não! Eu sou militante da Nova História!

Essa era a resposta de Daydson aos críticos de sua disciplina todas as vezes que alguém lhe interrogava sobre o fato de um ser tão feliz e puro, dedicar-se a algo, digamos, tão mundano.

— A História aceita inúmeras vozes e as classes oprimidas devem participar de sua construção!

Berrava Daydson entre quatro paredes a seus alunos, atônitos com o amor demonstrado por ele a causa de sua vida. E entre uma curiosidade e outra da chegada da Família Real no Brasil, ele aproveitava para fazer um apelo:

— Eu sei que é difícil alguém ainda ter essas coisas, mas se algum de vocês tiver em casa um objeto antigo de um familiar ou de nossa

cidade e quiser doar para a escola, a instituição ficará muito agradecida!

Alguns colegas discordavam dos métodos de ensino de Daydson e como ele utilizava de sua posição para conseguir objetos históricos. Mesmo assim, ninguém se opôs, acreditando que com o decorrer do tempo e os percalços da profissão ele abrandaria os seus ímpetos docentes. Quem nunca conheceu um jovem que acredita que sozinho pode mudar o mundo? Ou um geógrafo que acha que ensinando os meridianos do Tratado de Tordesilhas está contribuindo para a evolução da humanidade? Quem seria capaz de imaginar que Daydson, aquele jovem de vida perfeita, se transformaria em um acumulador compulsivo.

Mas o Tempo, este senhor brincalhão que transforma guerrilheiros em burocratas, vive pregando as suas peças. O que é um belo ideal hoje, amanhã não passará de loucura.

E desse modo com o decorrer dos anos naquela escola, ninguém mais suportava o colecionismo do incansável professor. Por quê, além de encher o seu armário de tudo que era de quinquilharia, ele começou a invadir o território de outros mestres do saber. Quer comprar briga com um professor, desapareça com o seu *tupperware* ou o último pedaço de sobremesa. Isso é pior do que defender o Evolucionismo em um Colégio Adventista! E Daydson tinha ido além, muito além do aceitável. A gota d'água foi quando ele realizou uma exposição de objetos ligados à higiene e ao saneamento básico. É claro que no final da exposição os alunos fizeram questão de doar as peças, o que deixou Daydson em êxtase. Quem nunca se alegrou em ganhar de uma só vez meia dúzia de penicos esmaltados e uns tantos vasos sanitários do século vinte? Alguns deles, por sinal, ainda com marcas de uso, o que

para o professor era uma prova de autenticidade.

Mas se na escola as coisas não iam bem, em casa estavam cada dia pior. Tudo por causa daquela mania de levar para o sagrado lar objetos dos mais variados. Panelas de barro e imagens de romeiros e padre Cíceros ladeavam as paredes da sua residência. As fotos, doadas por seus alunos, cobriam todo o teto e coladas umas nas outras, serviam de cortinas para as janelas. No lugar da mesa de jantar, ele instalou um carro de boi legítimo com varão de pau d'arco e rodas de aroeira. Folhetos de poesia, que ele insistia em chamar de cordel, estavam pendurados em barbantes da sala até a cozinha e no banheiro algumas Carrancas do São Francisco atacadas por cupins davam um toque mais que especial à decoração. A esposa, aquela do primeiro beijo com gosto de *hot-dog*, pediu divórcio e foi morar na Capital. Levou consigo Heródoto e Leopold,

jovens que tiveram a graça de receber os nomes de personalidades fundamentais a matéria tão cara ao pai. A mãe disse que tomou aquela decisão porque Daydson não tinha mais tempo para a família. O professor afirmava que tudo o que fazia era trabalhar e que realizar a catalogação de doze mil fotos e quatrocentos cordéis exigia tempo e dedicação extremas.

Daydson chegou ao trabalho um tanto cansado. Os mil cento e quarenta e três passos que separavam sua casa da escola estavam cada dia mais insuportáveis. Ninguém, nem uma viva alma se atrevia a lhe dar um bom dia, que nos velhos tempos costumava ser "Bom Day" um doce e alegre trocadilho com o seu nome. E agora nada! Será que tinham medo de que ele lhes pedisse alguma coisa? Algo como um ferrolho antigo, um monóculo ou um espeto de virar tripas! Podia ser, mas Daydson deixou de pedir essas coisas porque tinha certeza de que nada com

mais de cinquenta anos na cidade havia escapado de sua catalogação.

O porteiro o atendeu de cara feia. Na escola culpavam Daydson por tudo o que de mal acontecia, inclusive a infestação de ratos, traças e baratas, além dos escorpiões que viviam em meio a uma de suas coleções de paus de cangalha. Ele jurou que se alguém colocasse a mão naqueles raros objetos iria ter que se explicar na justiça. — Como assim, queimar os paus de cangalha? Foi com eles que os almocreves cruzaram os sertões! — Mas como dizem por aí, quando Daydson chegou ao trabalho naquela manhã, a sua cama já estava pronta.

— A diretora pediu que o senhor fosse na sala dela antes do início das aulas.

O porteiro foi protocolar, nem mais nem menos, e o professor continuou no mesmo passo cadenciado até a diretoria. — O que a diretora quer? — Por causa dela teve que sair

de casa mais cedo e qualquer alteração em sua rotina lhe trazia um grande dissabor. — Será que ela encontrou o caldeirão de Balbina? — Daydson procurava o caldeirão da escrava Balbina desde o início de sua missão como Sagrado Protetor da história local e o considerava o objeto mais importante de toda a região. Inúmeras vezes sonhou com a exata localização do artefato, fazendo incursões caatinga adentro e revirando cada metro quadrado de hectares cheios de cactos, pedras e animais peçonhentos. No entanto, até aquele momento, o caldeirão de Balbina era apenas um sonho distante.

A diretora já estava à espera de Daydson. Em todos os seus anos de profissão nunca tinha presenciado nada parecido. Aquele homem a ponto de um ataque de nervos que entrava em sua sala não lembrava em nada o jovem brilhante que um dia assumiu a cadeira de História. O serviço público não tem segredo, chega-se e deixa-se que o tempo

leve consigo os sonhos da juventude. Ela tinha feito isso e tornou-se diretora escolar pela sua espantosa habilidade de não fazer absolutamente nada. Então, por que, alguém se envolve ao ponto de ser confundido com as coisas em que acredita? Daydson não lembrava um professor, um pai e nem mesmo um homem. Era ele todo um depósito de coisas antigas e imprestáveis. Seus olhos sem brilho, sua roupa amassada, sua pele coberta de rugas que contribuíam com a crença de quele ele possuía o dobro de sua verdadeira idade. Suas ideias também eram velhas, lembravam móveis rústicos abandonados em uma loja de beira de estrada.

— Bom dia Daydson!

— Bom dia!

— Eu chamei você aqui por que…

—Já sei, encontraram o caldeirão da escrava Balbina?

—Não!

— Então, não me faça perder tempo!

Dito isso, saiu sem fechar a porta. A diretora achou melhor dar a notícia de que ele seria exonerado do serviço público de outra forma. — Quem sabe com o comunicado escrito em um palimpsesto? — pensou. Apesar de levar uma péssima notícia, o professor ficaria radiante por receber algo assim.

A GRAVATA

Conheci Pé de Pano na obra. Éramos serventes de pedreiro e ganhávamos o suficiente para a cada quinze dias, comprar uma cartela de ovos e dar uma passada no bar da Charque Assada. Era lá que afogávamos as mágoas em grandes doses de vodca barata enquanto ouvíamos o DVD de alguma banda de forró. Nessas ocasiões, Pé de Pano surgia com uma gravata negra e sua camisa social branca. À medida que íamos bebendo, ele arregaçava as mangas e depois de algumas doses, elas já estavam perto do sovaco e a gravata balançava como um pêndulo, mergulhando vez por outra na bebida. O certo é que a gravata dava a Pé de Pano, um preto esguio de quase dois metros de altura, um ar de importância. Não à toa ele foi confundido inúmeras vezes com o segurança do lugar. E a noite se resumia a isto: vodca, música e o olhar desconfiado dos clientes que

evitavam sentar-se próximo da gente. Não os culpo, a qualquer momento podiam ser vítimas dos grandes braços de Pé de Pano que ao conversar, ia gesticulando em todas as direções. O garçom cortava até o caminho, com medo de ter sua bandeja derrubada por aquelas mãos que se mexiam de um lado para o outro, desenhando no ar os personagens de cada história que ele contava.

— Ganhei esta gravata do meu avô!

Falou certa vez, depois da quinta ou sexta dose. Existia uma quantidade mínima de álcool para ele começar a contar as aventuras de sua família no interior de Pernambuco. A localização era difícil de encontrar, Pé de Pano não falava em cidades, para ele toda aquela vastidão podia ser reconhecida somente por nomes de rios, serras, olhos d'água etc.

— Foi lá no Olho D´Água dos Bentos.

— Onde?

— Você não conhece?

—Não!

— Rapaz, tu é de lá e não conhece? Ali, perto da Serra dos Ventos!

E ficava por isto mesmo. Em Pernambuco devia existir umas trinta Serras do Vento e uns setenta Olhos D Água. O fato é que a maioria das histórias de Pé de Pano, não tinha nem pé e nem cabeça, o que as tornava únicas. Afinal que importa o início e o fim, se tudo depende no final de contas de um meio. No caso do Pé de Pano, isto variava da quantidade de bebida que ele tinha ingerido: quanto mais bêbado, mas as suas histórias ganhavam um aspecto mágico. E ele sempre arrumava uma forma de deixá-las verossímeis, por mais que eu tentasse demonstrar o contrário:

— Você não falou que seu avô morreu nos anos sessenta?

— Sim.

— E como ele pode ter lhe dado esta gravata?

— Deu para o meu pai. E por ser algo importante, o velho guardou e no dia em que fiz dezoito anos, a entregou a mim.

Aquilo não fazia sentido, mas eu já estava confundindo Jesus com Genésio e nessas ocasiões o raciocínio mágico de Pé de Pano era mais do que plausível. Estávamos próximo a porta, foi o lugar mais seguro que o garçom nos arrumou. Ali o risco de Pé de Pano derrubar alguma bandeja ou acertar a cara de alguém com suas mãos era menor. Um vento gelado me pegava em cheio ao ponto de tremer, mesmo sem sentir frio. Pé de Pano, já imune às variações climáticas de São Paulo, continuou sua narrativa:

— Meu avô era vaqueiro de uma fazenda em Olho D'Água dos Bentos. Aquilo era muito gado, era tanto gado que se botasse um boi atrás do outro dava para ir de lá até o Recife! Então aconteceu de o patrão do meu avô vender todo aquele gado para o Coronel Irineu. Um homem muito rico que tinha suas terras lá na Grota Rasa. Conhece?

— Não.

— Mas você não conhece nada mesmo, viu! Grota Rasa está depois de Curicaca. Só que este Coronel tinha o costume de comprar o gado e não pagar. E o trato era para o meu avô receber o dinheiro na hora que entregasse a boiada. Quando os vaqueiros chegaram em Grota Rasa com o gado, o Coronel Irineu veio com uma conversa mole de que só ia ter dinheiro dali a sessenta dias, mas o meu avô não entrou naquele papo não. Fincou o pé e disse que só voltaria com o dinheiro do patrão na algibeira.

— E o Coronel?

— Ah! O Coronel Irineu disse que assinava um papel garantindo que, dali a dois meses enviaria o dinheiro e como prova de seu compromisso mandou uma gravata de presente para o patrão do meu avô.

— É este seu avô que uma vez, desarmado, botou quatro sujeitos para correr numa festa de São João?

— É ele mesmo, mas o negócio da briga foi quando ele tinha uns dezessete anos, ainda era um moleque. Na época da gravata, meu avô já era casado e sabia das coisas. Mesmo assim aceitou a proposta do Coronel Irineu, afinal era a palavra do Coronel contra a dele, um vaqueiro. Já no caminho de volta meu avô tratou de contar para os companheiros o seu plano. A fama de velhaco do Coronel Irineu era conhecida de todos na região. E a gravata era um indício de que dali a algum tempo ele enviaria seus jagunços para matar o patrão

do meu avô. Como meu avô duvidou da palavra do Coronel Irineu na frente de todo mundo, ia morrer também. — Olha... — disse meu avô aos vaqueiros. — A gente não vai regressar para Olho D'Água dos Bentos. Pelo que conheço esse Coronel, ele já deve ter mandado os jagunços no nosso rastro. Vamos armar uma tocaia e prestem atenção no que a gente vai fazer!

Pé de Pano virou o resto da dose de vodca. Chamou o garçom e coçou os bolsos da velha calça social. Dei-lhe a minha parte e pagamos a conta. Naquela noite realmente passamos do limite. Além de beber parte do dinheiro do aluguel, também ficamos sem o valor do ônibus. O jeito era voltar a pé, a cidade estava deserta e caía uma garoa fina que chegava a doer nos ossos. Só depois de sair do bar e caminhar alguns metros, lembrei que Pé de Pano não tinha acabado a história.

— E aí, o que aconteceu?

— Aconteceu o quê?

— Com o seu avô e os jagunços do Coronel?

— Aconteceu que estou aqui, com a gravata!

— Mas, e a briga?

— Pensa comigo, era uma peleja de vida ou morte, e se depois disso o meu pai nasceu e a gravata está comigo isto quer dizer que meu avô saiu vencedor!

— Mas de que forma?

— Não faz diferença!

Depois disso, nenhuma outra palavra foi dita durante a mais de uma hora que caminhamos noite adentro. Ele ia na frente e a sombra fantasmagórica daquela gravata a balançar em seu pescoço é algo que ainda não consigo esquecer.

SOBRE O AUTOR

Aparecido José Galindo, Escritor. Nascido em Alagoinha/PE no Sítio Monte Alegre (11/11/1981) e radicado em São Paulo desde 2005. Possui formação em Meio Ambiente, Turismo e Logística. Lançou seu primeiro livro de poesias, Versos Reversos em 2012, também sendo autor de Ensaios, Contos, Novelas e Romances.

Obras Publicadas

Versos Reversos - Poesia - Editora Livre Expressão - Rio de Janeiro - 2012

O Baloeiro - Romance - Clube de Autores - 2013

Paisagens Sertanejas - Poesia - Clube de Autores - 2014

A Embolada de Alagoinha - Ensaio - Clube de Autores - 2016

O menino que vendia pássaros – Contos – Clube de Autores – 2020

Canguçu a onça que virou menino – Lit. Infantojuvenil – Clube de Autores – 2020

Conheça outras obras do autor acessando:

Aparecido Galindo – Site Oficial ↗

Aparecido GALINDO